

1
9
6
2

II SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA



FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

ANAIS

E R R A T A

- Pg. 197 — linha 15, leia-se “três”.
- ” 200 — ” 33, ” “1628”.
- ” 203 — ” 47, ” “lotes regulares”.
- ” 204 — ” 29, ” “(Fig. 11)”.
- ” 205 — linhas 35 e 36, leia-se “Until now, all that has been done is the floor plan of the ruins of Vila Rica do Espirito Santo and the excavation of various test pits at different points of the site”.
- Sob a Figura 1, leia-se “segundo”.

APLICAÇÃO DO MÉTODO ARQUEOLÓGICO NO ESTUDO DA ESTRUTURA AGRÁRIA DE VILA RICA DO ESPÍRITO SANTO — FÊNIX — PR.

OLDEMAR BLASI (*)

I. INTRODUÇÃO

A presente comunicação diz respeito às primeiras informações obtidas com a aplicação do Método Arqueológico, na investigação dos restos de antiga comunidade, situada no interior deste Estado.

Esta é a primeira vez que se aplica, neste país, a técnica arqueológica para a reconstituição de evidências históricas. Em outros países, contudo, o processo já vem sendo usado há muitos anos, com resultados excelentes.

Consiste o Método, no levantamento das evidências de superfície e na coleta, para análise e interpretação, dos indícios surgidos com a realização de escavações sistemáticas, na área de desaparecidos comunidades. Tal procedimento científico tem fornecido muitas soluções para numerosos problemas ligados à vida de um núcleo populacional. Tem permitido estabelecer, com segurança, o seu caráter social e econômico, a maneira de exploração do meio natural, as funções políticas e culturais e mesmo as mudanças ocorridas no curso de sua vida. Tem permitido, ainda, reconstituir o nível de vida dos seus habitantes e o seu desenvolvimento cultural, pois são perfeitamente susceptíveis de análise os indícios referentes às atividades agrícolas, pastoris e artesanais. Tanto que, traços de campos trabalhados e a descoberta de instrumentos relacionados com a lavoura, tais como arados, foices, enxadas, etc., esclarecem quais as áreas cultivadas e os implementos usados para essas atividades. O encontro de lagares, pilões, mós, trituradores, etc., por outro lado, levam o pesquisador a conhecer quais os vegetais mais cultivados e consumidos pela população. Outras evidências da dieta alimentar dos habitantes da comunidade podem ser conhecidos, também, através da descoberta de ossos de animais, domesticados ou não, e de instrumentos usados para caçá-los. Muitas vezes tem sido possível determinar, com precisão, as repartições entre esses diferentes setores econômicos. Assim é que, a

(*) Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná e Chefe da Secção de Arqueologia do Museu Paranaense.

análise estatística das ossadas pode mostrar se houve preponderância na consumação de uma ou de outra espécie.

As evidências artesanais, igualmente, podem ser conhecidas pela descoberta de objetos cerâmicos, metálicos, líticos, ósseos, etc., os quais elucidam muitos aspectos das atividades da população.

Finalmente, o Método Arqueológico permite determinar a posição exata de uma antiga aglomeração humana, a disposição e as características arquitetônicas dos edifícios, aspectos urbanísticos, construções de defesa, pontes, etc.

É verdade, porém, que para a interpretação de muitos desses indícios, o pesquisador aproveita-se da experiência fornecida por outros ramos da ciência, como também precisa, com regular frequência, da colaboração de outros especialistas, notadamente de geólogos, geógrafos, zoólogos e agrônomos.

Este é, resumidamente, o Método que agora estamos aplicando na investigação das ruínas de Vila Rica do Espírito Santo, uma das 16 comunidades que espanhóis e jesuítas fundaram, na segunda metade do século XVI e início do século XVII, na então denominada Região do Guairá.

A apresentação e discussão deste Método e seus resultados em Vila Rica, antecedemos um breve relato histórico da região guairenha, que se justifica, visto não podermos isolar Vila Rica, do conjunto de acontecimentos ocorridos nessa vasta área, durante aqueles séculos.

II. BREVE HISTÓRICO DO GUAIRÁ

A expansão espanhola, na porção meridional da América do Sul, iniciada no segundo quartel do século XVI, teve na região do chamado Alto rio Paraná, importante centro dispersivo. De Assunção do Paraguai, a primeira vila fundada pelos hispânicos, naquela área da bacia platina, partiram diversas expedições, com o propósito de melhor conhecer a terra e descobrir jazimentos áureo-argentíferos que, segundo constava, existiam em grande quantidade.

Percorreram, essas primeiras levadas de exploradores, trechos dos rios Paraná e Paraguai, além de muitos dos seus tributários, sem contudo fundar novos núcleos populacionais nem encontrar as ambicionadas riquezas minerais. O que delas resultou foi, no entretanto, proveitoso contacto com as numerosas tribus indígenas, dispersas pela região, particularmente com aquelas pertencentes à grande família lingüística Tupi-Guarani. Com os índios ficaram conhecendo o caminho do Peabiru, através do qual esses nativos se punham em contacto com litoral Atlântico e, através do qual, também, os entradistas de São Paulo se embrenhavam no sertão do Guairá, para aprisioná-los.

A Região do Guairá é comumente aceita como situada entre os rios Paranapanema, Paraná, Iguaçu e a indeterminada linha demar-

catória que dividia as terras portuguesas e espanholas, imposta pelo Tratado de Tordesilhas.

Os numerosos índios; as penetrações paulistas; a necessidade de se obter passagem mais rápida e fácil para o Atlântico, foram, entre outros, provavelmente, os fatores que levaram o Governador Irala a ordenar a fundação de vilarejos no território guairenho. Este procedimento foi ligeiramente antecedido por outro de real importância para a história da conquista espanhola da região, qual seja, o da intradução do sistema de encomendas. Poderíamos dizer que os dois acontecimentos marcam a passagem da fase de exploração para a da colonização.

Entre os anos de 1554 a 1580, os espanhóis fundaram três novos povoados na parte oriental do rio Paraná. O primeiro, Ontiveros, ficou localizado à margem daquele rio, alguns quilômetros abaixo dos Grandes Saltos ou das 7 Quedas. Dois anos mais tarde (1557), Ontiveros foi abandonada e seus habitantes, sob a orientação do Capitão Rui Dias Melgarejo, fundaram Ciudad Real, pouco acima da primeira, na foz do Piquiri. O mesmo Melgarejo, possivelmente aproveitando-se das informações do "adelantado" Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, que havia percorrido grande extensão do Guairá, de leste para oeste, entre 1541 a 1542, fundou, 20 anos mais tarde, na foz do Corumbataí com o Ivaí, após algumas frustradas tentativas em outras áreas da região, **Vila Rica do Espírito Santo**.

Com a entrada dos padres da Companhia de Jesus, em 1610, no Guairá, surgiram as famosas reduções, pequenas comunidades de índios catequizados, que com o correr do tempo passaram a ocupar importantes pontos nas bacias do Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri, Corumbataí e Iguaçu. Isso não só criou sérios problemas aos espanhóis de Vila Rica e Ciudad Real, que possuíam grande número de naturais sob seu controle, como também aos entradistas de São Paulo, que viam assim dificultados os seus propósitos de apresar maior número de índios, bem como de atingir as minas do Potosí, na cordilheira andina. Os espanhóis encomendeiros das duas vilas, através dos seus respectivos Cabildos, formularam numerosos protestos às autoridades de Assunção, contra a acomodação dos inacianos em seus domínios e o conseqüente desvio de índios para os aldeamentos religiosos. Os paulistas, no entanto, foram mais incisivos, pois manifestaram seu desagrado diretamente aos padres. Estes, porém, não levaram em consideração as queixas dos mamelucos. A intransigência dos catequistas provocou então violenta reação por parte dos paulistas, que não somente atacaram e destruíram 11 das 13 reduções, como também arrasaram as duas comunidades hispânicas. Só foram poupadas as duas setentrionais reduções situadas às margens do Paranapanema: Santo Inácio Mini e Nossa Senhora de Loreto que, não obstante, tiveram de ser evacuadas mais tarde. Muitos índios foragidos dos aldeamentos assediados foram se incorporar àqueles das duas aldeias poupadas e, sob a guia do extraordinário Padre Provin-

cial Antonio Ruiz de Montoya, encetaram o fantástico êxodo, rio abaixo, em direção à outra margem do grande Paraná.

Esses sucessos, ocorridos entre 1629 a 1632, não só afastaram os jesuítas e espanhóis da região guairenha, como também asseguraram aos luso-brasileiros a posse do vasto território, a qual foi confirmada e ratificada através de sucessivos tratados entre Espanha e Portugal.

Tentativas de reedificação de Vila Rica do Espírito Santo e Ciudad Real foram efetuadas entre os anos de 1768 a 1770, por iniciativa do governador da Capitania de São Paulo — D. Luís Antonio de Sousa Botelho Mourão. Ele promoveu a entrada de diversas expedições de reconhecimento ao interior da histórica região, as quais, no entanto, verificaram ser impossível o reerguimento das duas comunidades, face às dificuldades que tal empreendimento oferecia. Contudo, na ocasião, algumas habitações foram levantadas e pequenas roças instaladas, em ambos vilarejos.

Informes sobre a localização e estado de destruição de algumas das reduções e de Vila Rica do Espírito Santo podem ser encontrados nos relatos de Francisco Lopes e Henrique Elliot, bem como nos Relatórios dos Engenheiros José e Francisco Keller, os quais veremos com mais detalhes, logo adiante.

De especial interesse para o estudo da arqueologia de Ciudad Real são as informações que V. D. Watson dá sobre um conjunto de cacos cerâmicos, coletados em 1947, por ela, na superfície do antigo povoado.

Merecem ser citados, ainda, os dados que o Pe. Luis Gonzaga Jaeger registra sobre a situação correta das aldeias religiosas de N. Sra. de Loreto e São José, as quais teve a oportunidade de visitar em 1952.

Considerável porção do antigo Guairá vem passando, nos últimos anos, por acentuada modificação, devido às condições excepcionais que o seu solo apresenta para a agricultura. Isso tem sacrificado largos trechos da primitiva floresta, inclusive os situados nas áreas das antigas comunidades. Através de leis estaduais, essas áreas foram transformadas em Patrimônio Florestal do Estado. Embora em vigor, desde 1948, tais leis não têm conseguido impedir a intensa perturbação que as reservas vêm sofrendo, quer seja com a destruição da mata, quer seja com a instalação de olarias, habitações, roças e estradas. Esta era a situação de Vila Rica do Espírito Santo, quando a visitamos pela primeira vez, em 1954, em companhia de Loureiro Fernandes, Altenfelder Silva e Moreira Jr. Na ocasião verificamos que tais eventos acabariam por inutilizar, por completo, para investigações arqueológicas, as ruínas de Vila Rica, razão porque, embora somente três anos mais tarde, tratamos de iniciar os trabalhos que esta Comunicação faz referência. Para isso temos tido o financiamento do Conselho Nacional de Pesquisas, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Su-

perior, Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná e assistência do Museu Paranaense. Em 1959 e 60, com a preciosa colaboração do acadêmico Igor Chmyz, efetuamos o levantamento da planta baixa da vila e procedemos pequenas escavações. Em 1961, com auxílio do professor Ney Barreto e do técnico Vlademir Kozak, ultimamos aquele levantamento e providenciamos a abertura de novas trincheiras, em distintos pontos das ruínas. Nos trabalhos de laboratório temos tido, além da colaboração do sr. Igor Chmyz, o das acadêmicas Shirley B. Maia, Ghisléne V. Hudziak e Yone Marques.

A propósito dos resultados das duas primeiras etapas de campo apresentamos à V.^a Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em 1961, em Minas Gerais, Nota Prévia, a qual deverá ser incluída nos Anais daquele conclave.

III. VILA RICA DO ESPÍRITO SANTO

Jazem os restos de Vila Rica — fundada por R. D. Melgarejo, possivelmente em 1579 — às margens esquerdas dos rios Corumbataí e Ivai, justamente na foz do primeiro, entre 23° e 59' de L. Sul e 51° e 59' de L. W., no Município de Fenix. Sua altitude máxima está a 317 metros acima do nível do mar. A região faz parte do terceiro planalto paranaense — Trapp —, caracterizado pela presença de pequenas mesetas, de modestas altitudes, entre as quais a de Apucarana, com 870 metros, situada alguns quilômetros a nordeste de Vila Rica, é a mais elevada.

Domina a área das ruínas o solo de côr vermelho-escuro, comumente chamado de “terra roxa”, resultante da decomposição das rochas eruptivas que o embasam. O clima é quente e as chuvas predominantes as de verão. A paisagem botânica é assinalada pela presença de grandes trechos de mata pluvial-tropical, onde ocorrem exemplos de palmáceas, embaúbas, perobas, figueiras brancas, paus d’alho, etc., etc.

Indícios arqueológicos e fontes escritas quinhentistas e seiscentistas mostram que a região de Vila Rica, no início da conquista e antes dela, era habitada por numerosas tribus indígenas, principalmente aquelas pertencentes à grande família Guaraní. Os documentos relatam que êsses índios viviam em pequenos grupos, sob a chefia de caciques, alguns dos quais se tornaram muito conhecidos, como é o caso dos chefes Guairá, Taiaoba, Coracibera, etc.

Os Guaranís tinham a sua subsistência assegurada através da domesticação de plantas, da coleta, da caça e da pesca. O rudimentar processo agrícola que praticavam os obrigava a um constante nomadismo. Suas roças tinham a duração de 5 a 6 anos e eram instaladas, na maioria das vezes, nas proximidades dos rios. Após a derrubada e queima de certo trecho de mata, aguardava-se a estação das chuvas para adubagem, quando então, procedia-se o plantio, que era feito em covas, abertas com auxílio de paus pontudos. Era essa uma atividade

tipicamente feminina. Os vegetais mais cultivados eram o milho e a mandioca. Completava o incipiente processo agrário, o cultivo de outras plantas não comestíveis, tais como o algodão, o fumo e certas espécies de cucurbitáceas. A dieta alimentar era complementada com produtos silvestres, como o mel, o pinhão e a erva-mate, além dos resultados da caça e da pesca. A domesticação de animais, salvo de pequenas aves, era desconhecida.

Confeccionavam, os Guaranís, magníficos recipientes de barro; variadas peças de fibras e taquaras e práticas vasilhas, obtidas de nós de grossos bambus. Do fruto da cabaceira faziam ainda úteis vasilhames. Nas suas habitações, com paredes de estacas e cobertura de palha ou fôlhas de palmeira, se abrigavam muitas famílias, que se serviam da rêde, trançada de algodão ou fibras, para seu repouso. Como desconheciam o uso do ferro, empregavam a pedra, o osso, a concha e a madeira para a elaboração de variados utensílios, tais como machados, cunhas, facas, pontas de flecha, arcos, etc., bem como para a confecção de adornos e outros artefatos.

A documentação jesuita informa que os chefes ou importantes pessoas do grupo tinham diversas esposas ou concubinas e que a poligamia era comum. Comum também era a prática do canibalismo, como ritual.

Foi com êsses índios que os fundadores de Vila Rica do Espirito Santo iniciaram as suas atividades na região. O sistema de encomendas, instituído por Irala em 1554, concedia ao encomendeiro poderes quase que absolutos sobre os índios. Estes não somente tinham de lavar as terras para os espanhóis, como também auxiliá-los na construção das casas, na caça e pesca e na coleta da erva-mate, vegetal que garantia certa estabilidade econômica ao povoado. Sob este regime, tipicamente escravagista, cresceu e desenvolveu Vila Rica. Habitações, edifícios públicos e templos, com paredes de taipa, algumas cobertas com telhas goivas, foram levantadas. Pomares e hortas cultivados. Segundo o Governador do Paraguai, D. Luis de Céspedes Xeria, que visitou Vila Rica em 1528, esta não tinha e nunca havia tido animais domésticos — “no tiene carne ni la an tenido de vacas ni ovejas ni cabras” — escrevia o Governador ao monarca espanhol naquele ano. (Anais do Museu Paulista T. I: 206:1922).

Os conquistadores europeus trouxeram para a região novas técnicas; instrumentos metálicos; sementes e outros elementos próprios da sua cultura. Possivelmente êles instruíram os índios no manêjo dos apetrechos agrícolas, ensinaram-lhes o valor de certas plantas exóticas e a importância de muitas outras coisas. A necessidade levou os villarriquenhos a fundir ou reduzir o ferro na própria comunidade e, possivelmente, a confeccionar os instrumentos de que tinham maior carência. Numerosas evidências, por nós recolhidas em Vila Rica, mostram que a redução do ferro foi uma atividade praticada com regularidade, como regular foi também, o fabrico de telhas e de outros objetos, marcantemente ocidentais. Tanto na superfície do sítio,

como nos diversos níveis das trincheiras, por nós escavadas, houve a ocorrência de minério, escória e variados objetos de ferro, como foices, pregos e cravos, chaves, facas, etc. A figura n.º... mostra algumas dessas evidências.

Entre os Guaranís as atividades oleiras, a fiação e a tecelagem eram atributos femininos. Tais atividades continuaram a ser praticadas pelas mulheres, embora os espanhóis tenham introduzido modificações técnicas bastante acentuadas. Infelizmente isso só pode ser observado nos remanescentes de barro e pedra, pois os objetos de tecelagem não resistiram a ação do tempo. Entre os numerosos indícios, cuja matéria prima foi o barro, há expressiva quantidade de peças inteiras e fragmentadas, de tipologia caracteristicamente Guaraní, bem como de outra cultura indígena não nominada até o momento. No entanto, a maior parte é assinalada pela presença de utensílios com feições marcadamente ocidentais, como são os pratos, pires, travessas, tigelas, castiçais, moringas, etc., etc. Além dessas particularidades que as diferenciam das peças Guaranís e da outra desconhecida cultura, as de influência européia podem ser facilmente identificadas, pela presença de alças bi-laterais, fixadas indiretamente e bases perfeitamente planas, detalhes desconhecidos entre as evidências dos jazimentos pré-históricos até agora encontrados na área oriental da grande bacia do Paraná. A literatura menciona que os espanhóis adotaram dos Guaranís o uso da rede, o hábito do fumo e o da ingestão da erva-mate. Os numerosos cachimbos, agora descobertos em Vila Rica, parecem confirmar a citação.

Essa interação cultural, em franco desenvolvimento em Vila Rica, não pode prosseguir por muito tempo. Vieram interromper o seu ritmo e levá-la ao colapso total, diversos acontecimentos, dos quais dois foram de magna importância — a entrada dos jesuítas no Guairá, em 1610 e a reação que tal fato provocou entre os entradistas de São Paulo. Mostram os mapas antigos da região, que as reduções jesuíticas ficaram situadas em pontos estratégicos, ao longo dos rios Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Corumbataí, Piquiri e Iguaçu. Talvez isso visasse dois importantes objetivos: 1.º — garantir aos religiosos a posse das terras que, conforme sua interpretação do Meridiano de Tordesilhas, estavam dentro do território hispânico e, 2.º — impedir a passagem dos paulistas, através da disposição dos aldeamentos em semi-círculo, nos lugares comumente usados por eles para suas entradas no sertão guaireño. Contudo, somente a descoberta de novos documentos poderá confirmar ou eliminar essas hipóteses. É verdade, porém, que os jesuítas, pouco a pouco, após cativarem a simpatia dos caciques, conseguiram, para as suas reduções, numerosos índios, muitos deles encomendados aos habitantes de Vila Rica e Ciudad Real. Tal fato foi um dos muitos motivos que levaram os espanhóis a protestar junto às autoridades de Assunção e a provocar a violenta reação dos paulistas, a qual culminou com os eventos, já atrás comentados.

Sem possibilidades de contar com um número suficiente de índios na colheita e preparo da erva-mate, produto nativo que garantia à Vila Rica certo equilíbrio econômico, bem como para outras atividades, o povoado passou a entrar em profunda decadência. É possível que por volta de 1629, quando começaram a se intensificar os assédios paulistas contra as reduções, ponderável parte da população vilarriquenha a tenha abandonado. Infelizmente, a documentação que nos foi dada a manusear, referente ao período de 1629 a 1632, últimos anos da história da comunidade guairenha, além de escassa e muito fragmentada. Sabe-se, contudo, que Vila Rica, em 1631, foi cercada pelos entradistas de São Paulo, os quais forçaram os seus habitantes a se renderem pela fome, pois haviam se apoderado das xácaras e das fontes de abastecimento do povoado. Impossibilitados de obter alimentos e de contar com o auxílio de um contingente militar, que às pressas havia sido organizado na longínqua Ciudad Real, os remanescentes da população, em desesperado esforço, conseguem romper o cêrco e, descontroladamente, fogem em direção às margens do rio Paraná. Enquanto isso ocorria, os paulistas, vitoriosos, saqueavam e incendiavam o povoado. Terminava, assim, de maneira brutal, a história de uma cidade, cujas cinco décadas de vida foram quase tôdas de atribuições e inglórios feitos.

IV. ANTIGAS INFORMAÇÕES SÔBRE AS RUÍNAS DE VILA RICA

Bastante escassas são as informações sôbre Vila Rica, desde a sua destruição até o início dos nossos trabalhos. As mais antigas notícias que conhecemos sôbre os restos de Vila Rica, devemos ao Capitão Francisco Lopes da Silva, que a 10 de março de 1770 descobre as ruínas e, por ordem do Gov. D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, ali se estabelece com um pequeno contingente de militares. Na ocasião formam algumas roças e constroem pequenas habitações. O Capitão Lopes da Silva comunica então, ao Gov. D. Luiz Antonio, "ter achado os fundamentos de huma grande povoação que se entende ser a antiga VILLA RICA" (Doc. Int. vol. IV, 41 e 56: 1896).

Talvez essa seja a mais antiga e única informação visual dos restos da comunidade, correspondente ao século XVIII, conservada até os nossos dias.

São dos engenheiros José e Francisco Keller, contudo, os dados mais completos que possuímos das ruínas de Vila Rica, correspondentes ao século XIX. O documento, além de interessante descrição que faz das citadas ruínas, tem o mérito especial de se fazer acompanhar de uma planta parcial da cidade, por eles levantada e até agora inédita. A divulgação dessa importante peça, nesta comunicação, devemos à gentileza do Dr. Newton Carneiro, que dela obteve cópia fotográfica junto à Secção de Iconografia da Biblioteca Nacional. (Fig. n.º 1).

Mas, eis o trecho de relato dos Keller, sôbre os restos de Vila Rica: "... abicamos a 7 de maio (1865) na barra do Corumbatahy, 46 le-

guas abaixo da colonia Thereza. Tem ella 100m. ou 450 palmos de largura e era antigamente o porto da — Villa Rica do Espírito Santo — povoação espanhola destruida e abandonada há mais de duzentos anos. Levantamos planta de ruínas desta cidade de não pequena importância, pois chegara a conter em seu seio cerca de 3.000 habitantes. Deparam-se as ruínas nas esquerdas de ambos os rios, o Ivahy e o Corumbatahy, no logar onde estas, elevando-se até 12m. acima das aguas baixas, isentam-se de tôdas as enchentes. Cerrada matta tornou a apossar-se do terreno, onde a 230 anos descortinavam-se edificios e quintais; e de maneira o fez que não apresenta hoje diferença das florestas virgens das circunvizinhanças; é o mesmo arvoredo baixo de laranjas azedas, que mais acima ou mais abaixo encontra-se em ambas as margens do rio Ivahy como os gigantescos monjoleiros, perobeiras e paus d'alho como já tínhamos visto a 20 ou 30 leguas acima. Sômente alguns limoeiros, cidreiras degeneradas e bananeiras na margem do Corumbatahy restam como vestígios da antiga cultura. Parece que as principais plantações do povoado existiam na margem direita do Corumbatahay. Pelo que mostram as ruínas, fôra a cidade construida regularmente com ruas bem alinhadas, cruzando-se em angulos retos. As casas eram na maior parte, se não todas, feitas de taipa (terra socada) e cobertas de telhas, de que encontram-se fragmentos alastrando o interior dos rectangulos formados pelos restos das paredes, reduzidos hoje á montes de altura de um metro mais ou menos com taludes de terra desmoronada. Nos vestígios da igreja, que se acham n'canto da praça no centro da cidade, os montes de taipa tem altura dobrada dos outros, e sobre elles nasceu um enorme monjoleiro. Encontram-se na entrada da cidade escoria e outros indícios de ter havido allí uma fundição de ferro, mineral abundante nas visinhanças. As terras, mui ricas de humus, são excellentes para a lavoura; que, junto com a riqueza de minerais de ferro e até de cobre nas rochas, que formam os recifes do rio, explica o haverem os hespanhois escolhido esse local para uma povoação, sem embargo da dificuldade das communicações". (Pub. do Dep. de Terras do Est. do Paraná, 29/97: 1933).

V. OS LEVANTAMENTOS EFETUADOS EM 1960, 61 e 62

Os mesmos indícios observados pelos Keller, ha 96 anos atrás, serviram agora como ponto de partida para os nossos levantamentos. Esses vestígios podem ser melhor observados junto á margem do rio Ivaí, local agora desprovido de mata, devido as roças que ali têm sido instaladas, nesses últimos anos. Porém, a medida que se distanciam do rio, os restos do vilarejo vão, gradativamente, sendo encobertos pela densa vegetação, a qual dificulta localização dos taludes. Mas, como o terreno é relativamente plano, os longos e estreitos montes se destacam na paisagem, fato que auxilia o pesquisador a observar sua disposição. Em média, êsses montes ou taludes possuem de um a um e meio metro de altura e dois metros de largura. Formam um conjunto de quarteirões assimétricos, divididos por regulares lotes

de 45 x 33 metros. Alguns deles chegam a ter exatamente 100m². Ladendo-os estão espaçosas ruas, com mais ou menos 15 metros de largura, as quais terminam em uma larga área, provavelmente a antiga praça da localidade. Este largo tem cerca de 120m² e, num de seus extremos surgem restos de uma construção que julgamos ter pertencido à igreja. No interior desses lotes retangulares, ocorrem grandes buracos circulares, parcialmente entulhados. Escavações efetuadas em dois deles nos proporcionaram considerável número de objetos líticos, metálicos e cerâmicos. Esses taludes, como muito bem interpretam os irmãos Keller, são os restos das paredes das habitações, edifícios públicos, templos, etc., feitas de taipa, tipo de construção armada com paus roliços, cruzados e amarrados nas junções. Os espaços resultantes da confecção das grades eram entulhados ou socados com barro e fragmentos de rocha. Com o correr do tempo essas armações de madeira apodreceram e o entulhe acabou ruindo sobre si mesmo, ocasionando o aparecimento dos montes. Pequeno trecho de um dos montes, por nós cortado transversalmente, revelou a existência daquele material empregado para o entulhe. (Fig. n.º 3).

Em nenhum ponto do sítio foram encontrados, até agora, sinais de que os habitantes de Vila Rica tivessem feito uso da pedra para as suas construções, nem tão pouco de tijolos. Estes aparecem, em pequena quantidade, na outra margem do Ivaí, como restos de uma estrutura, a qual, possivelmente, pertenceu a um velho forno de olaria, talvez não contemporâneo de Vila Rica. Ao contrário das pedras e dos tijolos, as telhas surgem em grande quantidade. São do tipo meia-cana ou goiva, feitas à mão, bem queimadas e de diferentes tamanhos. Elas diferem, sobremaneira, daquelas por nós recolhidas nas ruínas da Redução de Santo Inácio, situadas à margem esquerda do rio Paranapanema. (Fig. n.º 2).

A irregular distribuição dos montes de telhas, na área de Vila Rica, sugere por outro lado, que somente algumas construções possuíam este tipo de cobertura.

Tendo por base o levantamento agora efetuado, estimou-se em cerca de 3.600m² a área da comunidade e de aproximadamente 2.800m² a área construída. Mostra este levantamento, ainda, que possivelmente as primeiras construções foram erigidas junto à margem do Ivaí, acompanhando o seu contorno. Os quarteirões estão ali dispostos sem muita simetria, ao contrário do que ocorre com aqueles situados mais para o interior, arranjados com mais harmonia. É provável que na frente do primeiro lance de edifícios estivesse situado o pórtico, isolado da barranca do rio por um declive de mais ou menos 50 metros de extensão.

VI. AS ESCAVAÇÕES E A ANÁLISE PARCIAL DAS EVIDÊNCIAS RECOLHIDAS

Além dos trabalhos de reconstituição gráfica dos restos de Vila Rica, foram efetuadas diversas escavações em distintos pontos do sítio, dentro e fora dos quarteirões.

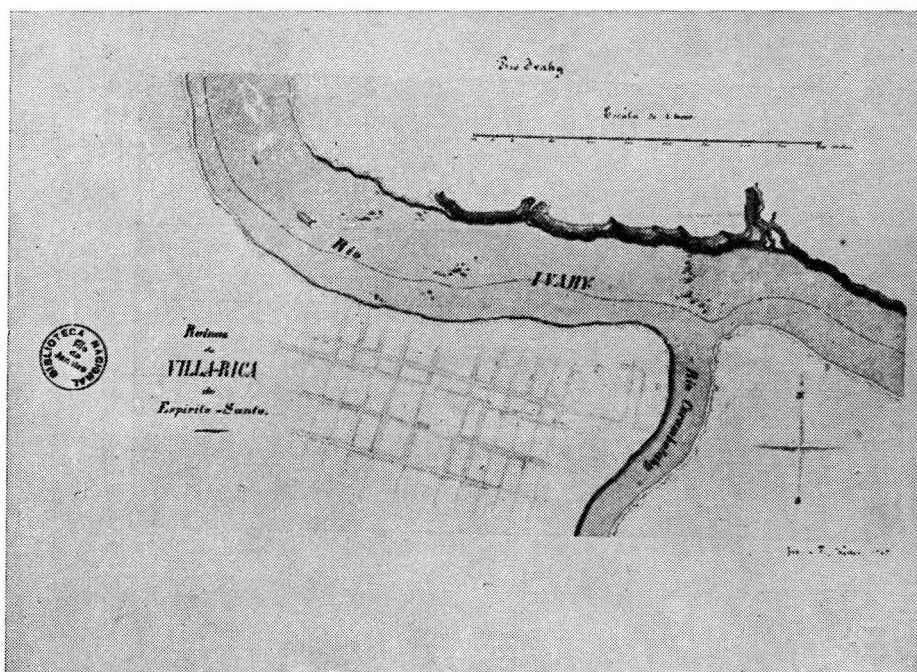


Fig. 1 — Levantamento parcial da planta baixa de Vila Rica, reg. os irmãos Keller.

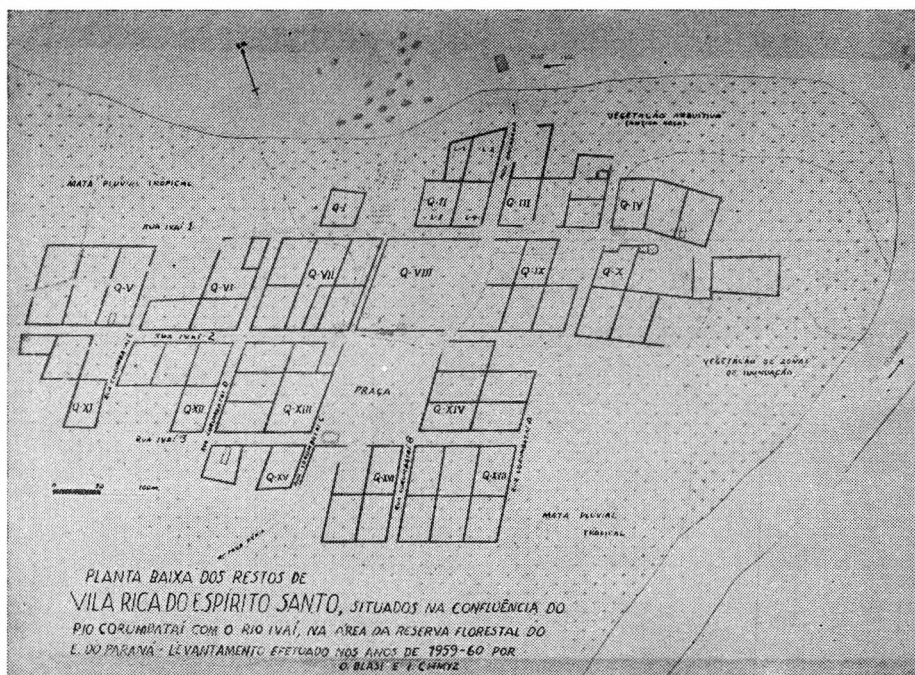


Fig. 2 — Levantamento efetuado em 1960 e 1961.



Fig. 3 — Corte transversal de um dos “taludes” de Vila Rica.



Fig. 4 — Detalhe das escavações.

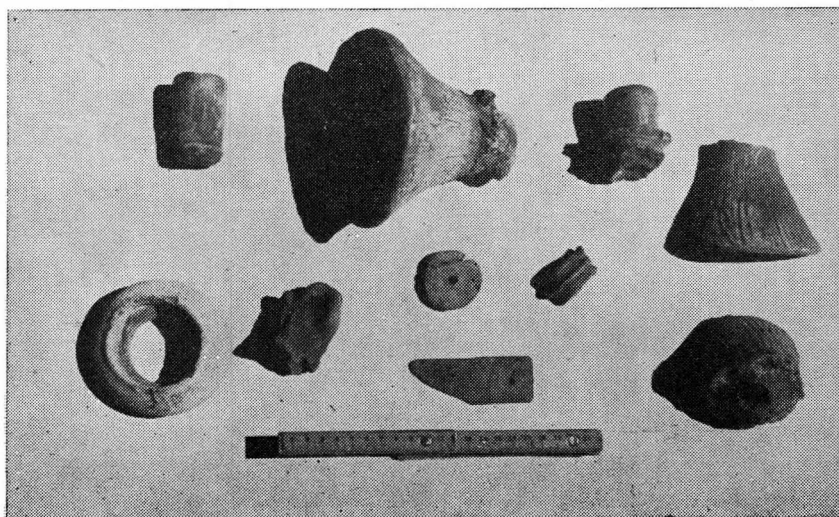


Fig. 5 — Evidências de barro e pedra.

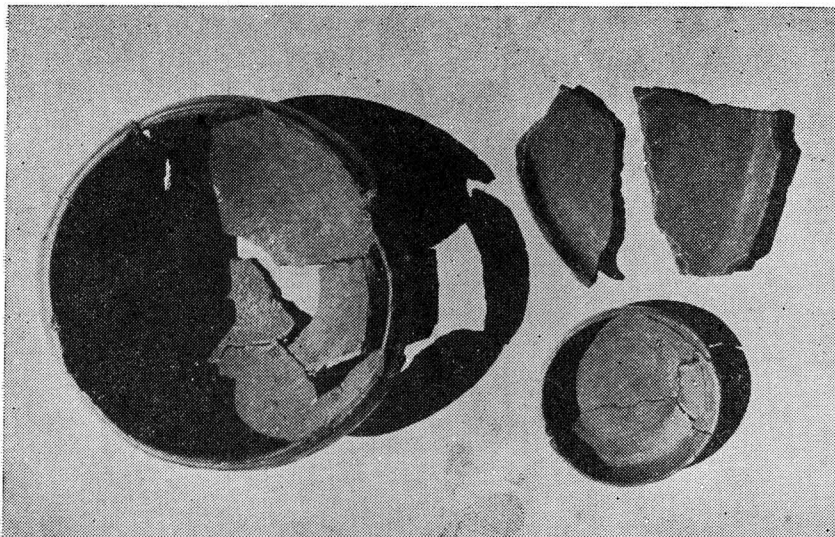


Fig. 6 — Evidências cerâmicas.

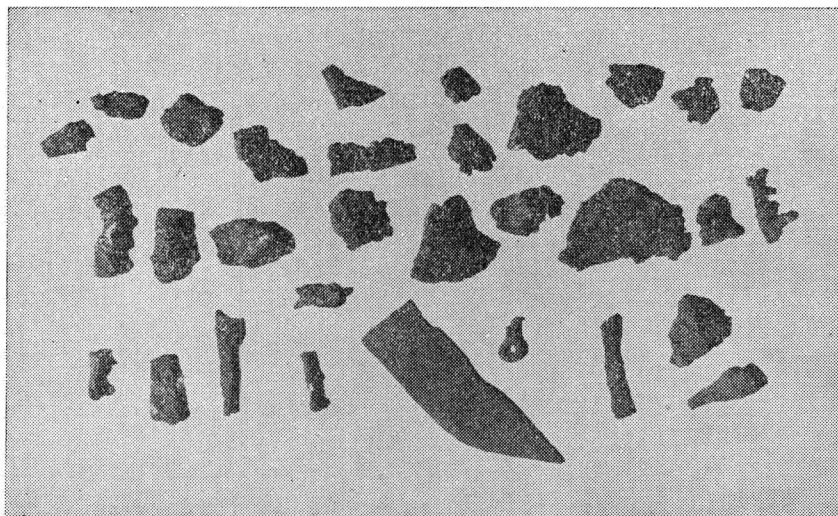


Fig. 7 — Peças metálicas e resíduo de ferro.

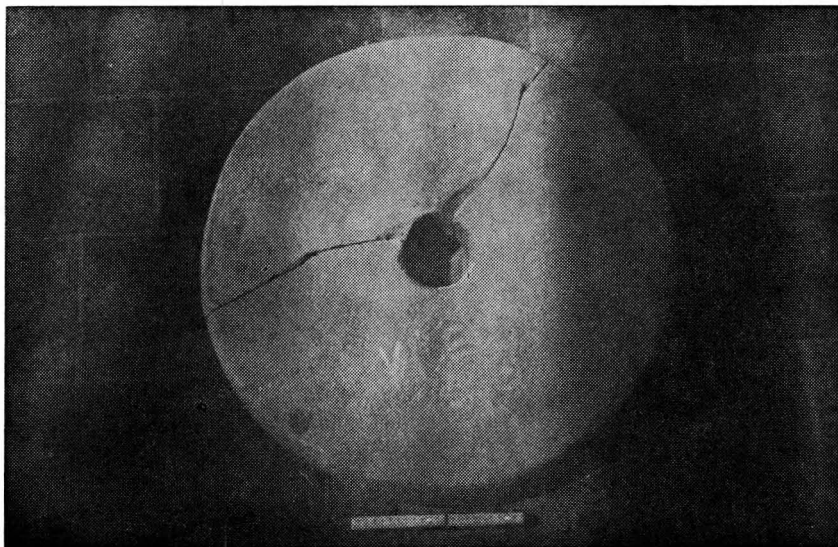


Fig. 8 — Mó ou pedra de amolar.



Fig. 9 — Possível mó em elaboração.

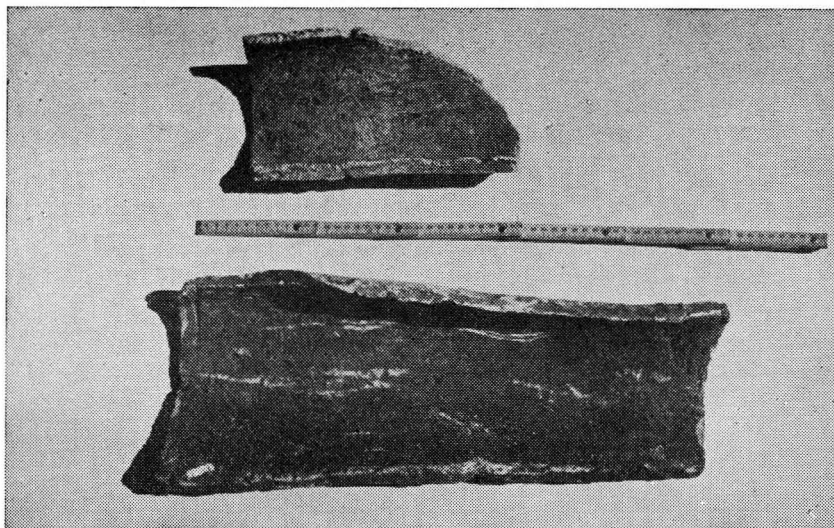


Fig. 10 — Telhas de Vila Rica do Espírito Santo.

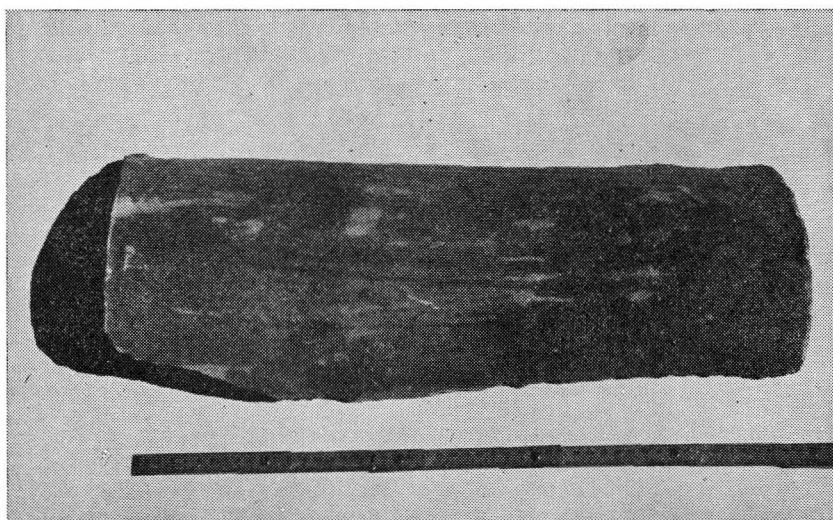


Fig. 11 — Telha da Redução Jesuíta de Santo Inácio, às margens do Paranapanema.

Com a abertura sistemática das trincheiras houve a ocorrência de numerosos indícios arqueológicos, pertencentes muitos a cultura européia e outros a culturas indígenas. Os indícios, num total de 12.500 exemplos, inteiros e fragmentados, foram confeccionados em pedra, osso, barro e ferro. Os traços marcantes das evidências indígenas e européias, aqui apresentados muito resumidamente, podem ser assim esquematizados:

A. Evidências da cultura indígena:

1. Artefatos de pedra: pontas de flexa, raspadores, machados, furadores, alisadores, batedores, talhadores, etc.
2. Artefatos de barro: recipientes de diversas formas e dimensões, sem fundo chato ou plano e desprovidos de alças, com ou sem decoração; cachimbos angulares, com ou sem decoração; adornos, etc.

B. Evidências da cultura ocidental:

1. Artefatos de pedra: Mós, moedores, facas, etc.
2. Artefatos de barro: recipientes com fundos planos e alças bi-laterais, de dimensões e formas diferentes, ornamentados ou não. Ocorrência de motivos ornamentais inspirados na flora. Telhas tipo meia-cana ou goivas.
3. Artefatos de ferro: foice, facas, pregos e cravos, rebites, chaves, etc.
4. Escória de ferro.

S U M M A R Y

During the XVI and XVII centuries, the present State of Paraná (Brazil), was occupied by Spanish settlers and Jesuit catechists. They founded several communities along the Paranapanema, Ivaí, Tibagi, Piquiri and Iguaçu, important rivers of the region.

In this extensive area, formerly called — Province of Guairá — lived about two thousand indians, particularly members of the Guaraní Group. On 1632 the Guairá settlements were destroyed by the raids of slave hunters from São Paulo.

This report is a preliminary study about the archeological work to carry out near Vila Rica of Espírito Santo, a small town, founded by Spanish settlers in the Corumbataí mouth with Ivaí river plain.

Till now was to carry up the low area plat the Vila Rica ruins and to digging up several trenches in different points of the site.

The archaeological material gathered consists in Guaraní artefacts, like pottery and clay pipes and stone implements. The Spanish was represented by clay tiles, iron objects and different types of the vessel.

F O N T E S

- Childe, V. Gordon** — 1960 — O que aconteceu na história — Zahar Ed. Rio.
- Clark, Grahame** — 1959 — Archaeology and Society — University Paperbacks — London.
- Cortesão, Jaime** — 1951 — Jesuitas e Bandeirantes no Guairá — Manuscritos da Coleção de Angelis — Vol. I. Biblioteca Nacional. Rio.
- Crawford, O. G. S.** — 1953 — Archaeology in the Field — Phoenix House — London.
- Doc. Int.** — 1896 — Documentos Interessante para a Hist. e Costumes de São Paulo. VOL. IV. São Paulo.
- Fernandes, J. Loureiro e Blasi, Oldemar** — 1956 — As Jazidas Arqueológicas do Planalto Paranaense Bol. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Paranaense — Vol. VI. Fasc. 3-4. Curitiba. PR.
- Furlong, G. Cardiff** — 1936 — Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata — 2 Volumes — Buenos Aires.
- Hensel, W. e Leciejewicz, L.** — 1962 — En Pologne médiévale: L'Archeologia au Service de l'Historie. In Revista Annales — Paris.
- Keller, José e Francisco** — 1933 — Exploração da Região Noroeste do Estado do Paraná, entre os rios Ivai, Paraná, Paranapanema e Tibagi. Dep. de Terras do Est. do Paraná — Curitiba.
- Metraux, Alfred** — 1948 — The Guarani — Handbook of South American Indians — Vol. 3. Smithsonian Institution — Washington, D. C.
- Service, Elman R.** — 1954 — Spanish — Guarani Relaciones in Early Colonial Paraguay — University of Michigan — N.º 9 — Ann Arbor.
- Taunay, A. E.** — 1922 — 1925 — Documentação Espanhola dos Séculos XVI e XVII — Anais do Museu Paulista — Tomos I e II — São Paulo.
- Vasquez — Espinosa, Antonio** — 1942 — Compendio y Descripcion de las Indias Occidentales Smithsonian Institution — Washington D. C.
- Watson, Virginia** — 1947 — CIUDAD REAL: A guarani spanish site on the alto Paraná Rivers — American Antiquity, Vol. 13, n.º 2.

INTERVENÇÕES

Do Prof. José Ferreira Carrato:

1 — Vê o Prof. Blasi possibilidade de ser estudado um convênio entre a Universidade do Paraná e os Institutos Isolados de ensino superior paulista, com a finalidade de uma pesquisa de campo nas ruínas de Sto. Inácio?

Do Prof. Guy de Hollanda:

A título de achego à valiosa comunicação do Prof. Blasi, lembra que a técnica indígena de fabricação da cerâmica, sem o uso, do torno, podia ser observada (como o fizemos), até 1955 pelo menos, em Itá (Paraguai). Trata-se de antigo “povo” de índios guaranis, aldeados pelos Franciscanos no período colonial. Atualmente, continuam as mulehers, de tipo indígena aliás, a ser as oleiras em Itá. Comparando-se com a descrição que está em Aguirre (Diário publicado pela Biblioteca Nacional de Buenos Aires, baseada a edição em uma cópia não no original que existe na Espanha), verifica-se que a técnica não variou. Conviria filmar essa fabricação de cerâmica de Itá quanto antes.

Do Prof. Hélio Abranches Viotti:

Os primeiros jesuitas a trabalhar no Guairá, foram os missionários, enviados ao Brasil por Anchieta. No início das missões entre os Guaranis do atual Estado do Paraná se deu — como aliás sua destruição pelos Paulistas —, durante a união das corôas de Espanha e Portugal. Que a fundação das reduções nesse território visasse fins estratégicos não parece provado, nem provável. A localização dos aldeamentos se deu ao acaso e de acôrdo com os lugares onde eram encontrados os indígenas. Indiretamente, é claro, o trabalho das reduções iria consolidar nessas paragens o domínio espanhol.

Por trechos das Atas da Câmara da Vila de São Paulo, êsse fato parece ter molestado os Paulistas, que, reagindo militarmente, tiveram portanto em vista até certo ponto, fins políticos, favoráveis aos interesses da corôa de Portugal. É o que reconheceu o Pe. Antônio Vieira, numa de suas cartas do Maranhão. O trabalho dos jesuitas nessa região, como em quaisquer outras, teve objetivos direta e primariamente religiosos; não políticos e muito menos de ordem estratégica. Desejaria que o autor esclarecesse melhor nesse particular o seu pensamento.

Do Prof. Ricardo Roman Blanco:

O Professor Oldemar Blasi considera que a posse das terras de Vila Rica do Espírito Santo pelo Brasil seria devida às “entradas paulistas” de 1628, posse que teria sido legalizada com o Tratado de Madrid de 1750.

Acontece, porém, que de acôrdo com os documentos e principalmente com o código da Sete Partidas do Rei, Afonso X, o Sábio, de Castela, promulgado em 1250, as finalidades da instituição bélica das “entradas” foram sempre e exclusivamente a escravidão, o roubo e saque.

Noção, portanto, inteiramente contrária a quanto apareceu nos livros e manuais de História.

A “entrada” nunca procurou minas, nem explorou ou conquistou territórios.

Além do mais, o tratado de Madrid de 1750 foi anulado pelo de Santo Ildefonso de 1777.

Afirmou também o professor Blasi que os entradistas destruidores do Guairá foram comandados por Raposo Tavares, coisa que não se coaduna com o que dizem os documentos, tais como a “Relação de Agravios” dos Padres Maceta e Mansilla, onde se lê textualmente: “Dividiose toda esta gente en quatro compañías, levantaron sus Capitanes y otros oficiales de guerra...” El que fé declarado por Capitán Mayor de la primera compañía (reparese bien que dice de la primera y no de todas las compañías) fué Raposo Tavares...” “De las otras compañías han sido Capitanes Pedro Vaz de Barros, Blas Leme y Andres Fernádes.”

E agora a frase mais importante de tôdas: “Por Maestre de Campo de todas estas compañías fué Manuel Prieto,... grande fomentador, auctor y cabeça de todas estas entradas”.

Isto, no bom léxico militar do tempo, é um “tercio” cuja autoridade máxima não é o Capitão da primeira ou de qualquer outra companhia e sim exclusivamente o “Maestre de Campo” e quem, como acabamos de ver, ostenta essa categoria, não é Raposo Tavares e sim Manuel Prieto.

Do Prof. Nilo Garcia:

Considerou magnífica a pesquisa arqueológica realizada, encarecendo sua inestimável valia para a reconstituição da proto-história luso-castelhana de vasta área da América Meridional.

RESPOSTAS DO PROFESSOR OLDEMAR BLASI

Ao Prof. José Ferreira Carrato:

— Sim, após entendimentos efetuados, oportunamente, com o Conselho de Pesquisas e Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, desta Universidade.

Ao Prof. Guy de Hollanda:

— Agradeço a gentileza da informação. Envidaremos esforços no sentido de averiguarmos, no próprio local, se os índios Guarani de Itá, ainda elaboram a sua cerâmica, sem o emprêgo do tórno. É realmente, uma contribuição preciosa para os nossos estudos.

Ao Prof. Pe. Hélio Abranches Viotti:

— O Pe. Hélio, como jesuita que é, certamente está mais bem informado que eu, se houve intenção ou não por parte daqueles membros da sua Ordem, em dispor as Reduções do Guairá, em lugares estratégicos, a fim de evitar o avanço dos luso-brasileiros de São Paulo. Efetivamente, não há, até o momento, documentação que afirme, categoricamente, que esse era o objetivo dos catequistas. O Professor Jaime Cortesão contudo, à luz dos documentos da Coleção De Angelis, acredita que esse tenha sido o propósito dos padres.

Ao Prof. Ricardo Roman Blanco:

— esta nossa Comunicação não visa, evidentemente, esclarecer aspectos relacionados com as denominações empregadas para nomear os indivíduos, que partindo de São Paulo, realizavam incursões ao interior do Guairá, na segunda metade do século XVI e início do século XVII. É certo, contudo, que a expressão “entradas” é menos freqüente do que a “bandeira”, a qual pode ser encontrada tanto na documentação espanhola como jesuita, a partir do século XVII. Que os luso-brasileiros de São Paulo procuravam descobrir riquezas e alargar as fronteiras do Brasil, desde a segunda metade do século XVI, não temos dúvidas. Dois insuspeitos pronunciamentos, sôbre as intenções dos paulistas, ambos de origem espanhola, podem ser encontrados entre os Documentos que compõem o primeiro volume da Coleção De Angelis. Tanto o memorial do Pe. Antonio Ruiz de Montoya (pp. 430-433), como o Informe de Manuel Juan de Morales (pp. 182-193), às autoridades espanholas, dão bem uma idéia dos objetivos dos paulistas. Finalmente, não só no Tratado de 1750, como os que se sucederam, não há contestação sôbre a ocupação efetiva, por parte de Portugal, de quase todo o antigo território guairenho.

Ao Prof. Nilo Garcia:

Agradeço suas palavras e a gentileza das suas considerações a respeito da proto-história luso-castelhana.